

Clube de leitura preta: uma pedagogia decolonial¹.

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17025671>

Jessika de Oliveira Sousa (Mestranda em Relações Étnicas e Contemporaneidade/UESB)

Email: Jessikapesquisadora21@gmail.com

Daniel Valério Martins (Doutorado em Educação/UBA, Professor na UESB)

Email: Daniel.martins@uesb.com.br

Resumo: O papel da escola não se reduz apenas na formação do conhecimento científico aos indivíduos, e é nessa perspectiva que vamos apresentar a importância de uma pedagogia decolonial de ensino aprendizagem na escola básica. As iniciativas antirracistas oferecem, através da literatura afro-brasileira, uma possibilidade de ressignificar a história proporcionando vivências diferentes do que estatisticamente é "esperado" para o alunado preto e pobre. Compreendo que esses projetos movimentam as relações para além da escola, uma vez que, as diferenças entre os participantes acabam impactando no que vai ser ensinado e aprendido, também, no cotidiano da comunidade.

Palavras-chave: Educação antirracista; Literatura afro-brasileira; Práticas decoloniais.

Introdução

Este relato de experiência versa sobre a importância das práticas decoloniais promovidas por um projeto de leitura intitulado Clube de Leitura Preta, idealizado e coordenado por mim, Jessika de Oliveira, no Colégio Estadual Doutor Milton Santos, Escola Quilombola, no município de Jequié–BA. Muito embora a vigência da Lei 10.639, que fomenta o ensino da Cultura afro nas escolas, esteja completando 20 anos, é sabido que ainda existe uma grande lacuna no aprofundamento de práticas decoloniais atuantes nesses espaços. Para Walsh (2005), decolonialidade é visibilizar as lutas contra a colonialidade a partir das pessoas, das suas práticas sociais, epistêmicas e políticas. A decolonialidade representa uma estratégia que vai além da transformação, ou seja, supõe também, a uma meta de reconstrução radical do ser, do poder e do saber. Com isso, afirma Carneiro (2011), que a construção de uma educação antirracista implica encaminhar não somente os conflitos interpessoais, mas reconhecer e valorizar as identidades e histórias de todos os sujeitos no ambiente escolar.

Para Santana (2019), a vivência da comunidade negra e a necessidade de pensar no papel da educação ao longo da história, levando em consideração como se dá a transmissão do conhecimento, ao invés de somente a produção do conhecimento. A educação básica é um

¹ Este estudo faz parte de uma pesquisa em andamento intitulada “Clube da Leitura Preta: um estudo de caso”, no programa de Relações Étnicas e Contemporaneidades, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

espaço onde precisamos trabalhar o letramento racial a fim de que nossas crianças, adolescentes e jovens, possam ter esse acesso para consolidarem suas estratégias de enfrentamento ao racismo e demarcação nas universidades. Então, partindo da percepção de que a literatura é também um lugar de resistência, Evaristo (2021), destaca a contribuição da poética literária nesse processo de transformação do indivíduo através das escrevivências abordando a afirmação numa sociedade que os exclui e, ao mesmo tempo, camuflar o preconceito da cor.

O Clube funcionava com encontros semanais, três vezes por semana, na biblioteca da escola, com uma média de vinte e cinco participantes. Dentre eles, meninos e meninas com idades entre 13 a 15 anos, pertencentes a grupos étnicos diferentes, logo, identificamos as relações que foram sendo construídas a partir das suas diferentes étnicidade. As reuniões eram norteadas por um cronograma anual de leituras e atividades propostas por mim, assim como, a escolha das obras apresentadas. A curadoria das obras selecionadas por mim passava pelo critério da linguagem acessível para as idades das pessoas e com um recorte sobre gênero, a maioria dos livros apresentados no clube eram escritos por mulheres negras brasileiras.

Ao iniciarmos a leitura de “Becos da Memória”, uma obra de Conceição Evaristo, ficou explícito a participação maior de todos. Tivemos relatos de participantes que nunca tinham conhecido o livro de um escritor ou escritora negra. E outros que se emocionaram pelos nomes dos personagens, os quais remetem a nomes que fizeram parte de sua infância. E à medida que fomos lendo, discutindo e produzindo sobre o livro, as conversas foram fluindo no grupo, sobretudo em como repensar a comunidade por outro olhar. Quando essa leitura, em especial, foi concluída, todos contribuíram com uma produção textual que se transformou em um pequeno livro eletrônico de contos chamado “Nada da gente sem a gente”, contos autorais.

O clube promoveu, em 2022, o primeiro concurso literário do Quilombo, impulsionando a produção textual de mais de 150 textos escritos pelos alunos. Esse evento histórico cultural na escola premiou todos os participantes e certificou os contos selecionados entre os demais. Nessa atividade todo o ensino fundamental II da escola se fez presente. Também tivemos uma aula de campo sobre racismo ambiental na comunidade, onde nossa visita a pontos do quilombo se transformou em uma produção textual sobre a percepção através dos olhares de cada um.

Em 2023, o clube se fez presente, após convite para participar do espaço geração Flica, a maior feira literária do norte e nordeste, e debatemos sobre a importância da educação antirracista e das práticas promovidas pelo clube para as relações entre as pessoas, a comunidade e a escola. E ainda em 2023, participamos da feira literária - Flipelô, onde os seus componentes puderam acessar pela primeira vez vários espaços culturais e conhecer a capital baiana, Salvador. Esses acontecimentos foram um marco muito importante não somente para a história do clube enquanto um espaço disruptivo, mas também para os participantes de toda a comunidade escolar.

Para além dos muros da escola

O Clube ficou conhecido nacionalmente por suas práticas decoloniais sendo homenageado pela Secretaria Estadual de Educação da Bahia, universidades públicas e autoridades locais. E enquanto a cidade de Jequié-BA registrava os mais altos índices de violência, de acordo com a Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia, chegando a ser conhecida como a cidade mais violenta do país, esse projeto seguia resistindo na comunidade periférica com jovens quilombolas através da leitura como uma ferramenta de conhecimento. O clube ultrapassou os muros da escola e alcançou toda a comunidade.

Para Gonzalèz (1982), a mobilização da comunidade negra é uma forma alcançável de transformação da expressão social e, como educadora, evidencia o papel das escolas nesses movimentos. E, levando em conta as contribuições importantes da disciplina de Relações Étnicas e Contemporaneidade para o movimento decolonial e que construo com jovens e adolescentes, percebo como analisar essas relações soam de forma impactante no clube de leitura.

A iniciativa abrange uma variedade de pessoas e com elas as suas diferentes etnicidades, e através de algumas observações feitas nos encontros, podemos compreender a importância de reconhecer as diferenças para as relações em sociedade. Com as indicações de leituras e métodos apresentados pelos professores Daniel Valério e Itamar Aguiar, sobre a importância de construir pontes de conhecimento mais inclusivas a partir das diversas intersecções que atravessam os grupos étnicos, posso afirmar que os movimentos feitos pelo Clube podem servir como inspiração para estudos e pesquisas.

Essas práticas apresentadas durante o semestre na disciplina são referenciais para além dos muros da universidade e das escolas, pois elas conseguem alcançar diferentes espaços na sociedade, sobretudo nos grupos familiares.

Considerações finais

Diante do que foi posto acima, ressalto a importância de movimentos como o Clube da Leitura Preta e a sua contribuição para o avanço de uma educação antirracista na escola. Articulando-se como uma ferramenta de fomento da representatividade, reconstrução da autoestima, identidade, memória, cultura e relações étnicas. Desse modo, saliento também a indiscutível contribuição de mulheres negras em espaços de liderança, sobretudo na promoção do debate racial nas escolas. Portanto, pedagogias decoloniais como essa, devem ser multiplicadas nos ambientes escolares para termos, não somente novos leitores, mas protagonistas de uma sociedade mais equânime.

Desse modo, tendo em vista o apresentado acima, podemos entender a contribuição da disciplina para o projeto, assim como, as vivências relatadas nos encontros pelos discentes em seus momentos de prática. As relações étnicas e suas fronteiras são peças fundamentais para uma harmonia social a partir da análise dos movimentos dessas relações, assim como no Clube, nas aulas isso foi aprendido. Por fim, socializo aqui uma pedagogia decolonial importante para as relações étnicas, e ressalto a contribuição da disciplina para a continuidade do projeto a partir da pesquisa e da extensão.

Referências

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta. v.13, n.25, p. 17-31, 2009.

GOMES, Nilma Lino (Org.). **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei no 10.639/03**. Brasília: MEC; Unesco, 2012. GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexism na cultura brasileira. Revista de ciências sociais hoje. São Paulo, v. 2. p. 223-244, 1984.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Cadernos PENESB (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira), UFF, Rio de Janeiro, n. 5, p. 15-34, 2004

WALSH, Catherine. **Introducción** - (Re) pensamiento crítico y (de) colonialidad. In: WALSH, C. Pensamiento crítico y matriz (de) colonial. Reflexiones latino-americanas. Quito: Ediciones Abya-yala, 2005. p. 13-35.



REVISTA NZINGA